Conclusão

Tiago Quiroga

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

QUIROGA, T. Conclusão. In: *Pensando a episteme comunicacional* [online]. 2nd ed. Campina Grande: EDUEPB, 2013. Substratum collection. pp. 395-410. ISBN 978-85-7879-280-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Conclusão

Sobre o objeto: comunicação, espaço do devir

Nas perspectivas de *sociedade transparente* e *bios midiático* encontramos como característica comum aquela que situa propriamente os meios de comunicação como crivo fundamental de uma importante mudança sócio-histórica. Embora distintos quanto às direções tomadas pelo processo, nos dois casos situa-se a comunicação não apenas como episódio que individualiza nossa atualidade, mas também como aquele nos leva a outra condição societária. Para Vattimo, a implementação de uma sociedade de comunicação generalizada é a condição de chegada ao período pós-moderno. Momento em que nossa experiência de verdade caracterizar-se-ia como sendo de ordem estética, em que a questão da liberdade antecede o tema da verdade, podendo muito especialmente ser entendida segundo o que chamou de *fabulação de mundo*. Para Sodré, uma sociedade cujo *éthos* se encontra definitivamente tecido pelos suportes e dinâmicas comunicacionais tende a erguer um padrão de vínculo social que reproduz o efeito do espelho,

consolidando-se um tipo de sociabilidade especular em que os indivíduos se pensam muito pouco reflexivamente, dado que se tornam meros rebatedores informacionais, produzindo-se o que denominou *fetichização do real histórico*. Há, portanto, entre *fetiche* e *fábula* a questão que nos parece definir a passagem de uma condição moderna a outra denominada pós-moderna a qual envolve diretamente a constituição de objeto de estudo. Em ambos os autores, encontramos, como ponto de inflexão, o fato de prescindir, ou não, do *fundamento*, a questão comum.

Independente das minúcias que caracterizam as distinções das leituras, interessa notar que reside precisamente em torno de tal inflexão o questionamento ao princípio de autonomia, fundado pelo século XVIII, responsável por erguer um projeto de emancipação baseado na educação, de onde advém o imperativo do objeto. Ainda que não tenha ficado restrito ao âmbito do conhecimento, o projeto que vislumbrou um progresso do gênero humano através do *Esclarecimento* fundou boa parte de suas premissas centradas num ideal de educação em que o objeto teria desempenhado papel decisivo. Nesse caso, o objeto aparece não apenas como forma de legitimar categorias internas de inteligibilidade, mas também, como fundamento de um ideal em que, ao conhecimento, pertence um projeto de liberdade. Entretanto, esse ideal de liberdade moderno hoje estaria sendo eclipsado pelo ideal de informação, ocasião em que a tecnologia configura um novo *éthos*, tornando dispensável a centralidade do objeto. Assim, o imperativo em torno da conquista de objeto de estudo diz respeito

à passagem histórica em que, sob o signo da tecnologia, suspende-se ou reinventa-se a questão do fundamento a partir do regime de gerenciamento/gestão da informação. Nesse caso, estaríamos imersos entre o projeto científico fundado pela modernidade e aquilo que, em seguida, fundado na tecnologia, muitos teóricos viriam a chamar de pós-modernidade.

Trata-se de pensar o *acontecimento* tecnologia como signo de uma experiência histórica da razão. Se retomamos o texto de Foucault poderíamos dizer que é precisamente esse o “elemento do presente que se trata de reconhecer, distinguir, decifrar entre todos os outros”, porque é ele o aspecto que define nossa época e, ao mesmo tempo, se torna a “expressão de um processo que concerne ao pensamento, ao conhecimento, à filosofia”.⁷¹¹ Daí a importância das proposições de Vattimo e Sodr. Como dito, não tanto pelas diferenças, mas pelo fato de que situam a comunicação como acontecimento que caracteriza nossa atualidade como limiar histórico, isto é, elemento fundamental de mudança para outra coisa que, embora não se saiba exatamente o que será, faz das tecnologias comunicacionais *modos de ser* de sua passagem. Experiência que nos coloca em sintonia com aquela descrita por Foucault como sendo de uma *ontologia do presente* porque nesse itinerário as tecnologias da comunicação se constituem modos de “diagnosticar nossos devires atuais”.⁷¹² Podemos pensar em

711 FOUCAULT, 2010: 13.

712 DELEUZE; GUATTARI, 1992: 145.

que medida não se estaria constituindo, em torno de tais tecnologias, um conjunto de reflexões que as caracterizam como instâncias em que se passam as diferenças do presente, do atual, ou seja, a comunicação como espaço do diagnóstico de devires, “inventor de novos modos de existência imanentes”.⁷¹³ Nessa perspectiva, a determinação histórica que caracteriza o campo da comunicação é a mesma que define o imperativo em torno do objeto. Pode-se pensar esse processo como a consolidação de um campo de estudos indissociavelmente atrelado à emergência do *evento tecno-logia*, acontecimento que, por sua vez, seria protagonista da própria crise das ciências sociais.

De fato, o modelo que não pode prescindir da constituição de objeto de estudo advém do período moderno. Embora venha sendo transformado em diversas instâncias, como se pode observar na própria reflexão de Vattimo e Sodr (so muitos os exemplos que remetem a uma nova configurao histrica), no se pode simplesmente dizer que a modernidade tenha chegado ao fim, como se fosse possvel dizer que a chegada de novas influncias fazem as anteriores desaparecerem, ou melhor, serem superadas. Na realidade, o prprio Vattimo, emblemtico defensor de uma atualidade ps-moderna, afirma que a experincia esttica da verdade, a qual, segundo ele, define nossa contemporaneidade, no significa exatamente *superao*. O que nos parece haver de indito, e a est toda a confuso, uma espcie de coexistncia de padres, dos quais

713 Idem.

ainda vigoram tanto aqueles que chegam para anunciar o novo quanto aqueles outros, fundados pela modernidade, em meio aos quais se encontra o imperativo da constituio de objeto para que determinada prtica cientfica seja alada condio de rea do saber. Nesse sentido, pode-se dizer que a demanda em torno do objeto situa-se na mesma condio em que foi apresentada a centralidade dos meios de comunicao em nossa atualidade, ou seja, na condio de elemento que traz em si elementos da passagem de uma poca a outra, em que acabam por vigorar tanto aspectos do que se est deixando para trs como aqueles que se vai inaugurando. Enquanto determinao histrica o imperativo do objeto continua a vigorar, posto que representa importantes traos de uma modernidade cuja herana cultural ainda exerce alguma influncia em boa parte de nossa atualidade, sobretudo no meio cientfico. Mais do que isso, ela se apresenta como forma de pensar o projeto do *Esclarecimento*, cujo ideal de liberdade no se restringe aos autos do conhecimento, como bem observou Adorno.⁷¹⁴ Significa dizer da mesma forma, que se a questo do objeto remete invariavelmente a uma passagem histrica, da modernidade ao que seria uma ps-modernidade, preciso, de alguma maneira, “fazer o luto” do projeto de *emancipao* baseado na educao. Falamos, portanto, da importncia de se refletir acerca das possibilidades e limites de tal empreendimento, sobretudo, como forma de compreender, de fato, do que trata sua possvel

714 ADORNO, 1995.

extinção. Essa nos parece ser a questão à qual devemos nos remeter quando investigamos a necessidade, ou não, do objeto de estudo como forma de determinar a legitimidade das diferentes práticas científicas.

**Do afeto como distinção comunicacional:
*simultaneidade***

No itinerário proposto, a contribuição de Bourdieu torna-se fundamental. Sua reflexão representa uma espécie de síntese de época. Os postulados por ele apresentados, modos pelos quais alcançamos a construção de um saber propriamente científico, sintetizam o projeto moderno que procurou pensar boa parte da produção do conhecimento a partir dos pressupostos de uma autonomia da razão. Trata-se do modelo que procurou balizar os critérios de aferição do valor de verdade da produção científica ao objeto, isto é, da perspectiva que, em última instância, não pode prescindir da constituição de tema de estudo específico como condição através da qual se deve reconhecer em determinada prática científica a chancela de disciplina na ordem do conhecimento. Sendo assim, se trabalhamos segundo seus pressupostos, não parece restar dúvidas quanto à consolidação da comunicação como campo do conhecimento largamente legitimado. O mesmo vale para sua natureza interdisciplinar. A comunicação é um campo do conhecimento, e sua principal característica é precisamente esta: trata-se de um campo por natureza interdisciplinar. No entanto, se nos perguntamos por uma ciência

da comunicação, na perspectiva de Bourdieu, a resposta não apenas passa por sua constituição enquanto disciplina na ordem do saber, como efetivamente diz respeito à conquista de objeto de estudo. Sendo assim, a questão remete ao problema da especificidade da fala comunicacional. Segundo Bourdieu, a especificidade se constrói ou adquire a partir do que denomina o *valor distintivo* do discurso científico. Modo pelo qual as disciplinas adquirem relativa autonomia frente aos fatos do mundo, em especial, em função da *originalidade* dos discursos que realizam sobre o universo dito macrocosmo. Assim, os conceitos de autonomia e especificidade discursiva encontram-se não apenas intimamente relacionados, mas, fundamentalmente determinados pela perspectiva *hermenêutica*, habilitada pelo trabalho interpretativo, de onde pode provir a atividade da criação, decisiva na consolidação de qualquer que seja a área do saber. Daí o crivo do capital científico “puro” ou intelectual. Instância em que a ciência organiza seus próprios atributos internos, depende de sua acumulação e distribuição a capacidade de cada campo constituir níveis relativos de autonomia. Da mesma forma, estaria em torno de seus limiares a aquisição de objeto de estudo. De todo modo, como se sabe, não se conquista objeto de estudo por decreto, senão por determinada partilha comum, portanto política e temporal, de conceitos e abordagens teóricas em torno de determinado assunto.

No caso da comunicação, pode-se dizer, tal consenso não existe, embora continue vigorando o desejo de conquista de objeto de estudo próprio. Nesse caso, o

empreendimento epistemológico precisaria observar como se vai adjetivando o fenômeno em questão. Nessa perspectiva procuramos aqui contribuir. Para tal, decidimos por fazer nossa leitura adotando, inicialmente, como recurso de trabalho, a genealogia como procedimento metodológico. A ideia foi observar o contexto em que surgem os termos e conceitos que viriam efetivamente a constituir o campo de estudos denominado comunicação social. Mais do que isso, procurávamos o elemento que especificaria tal surgimento, de modo que nos fosse possível, a partir de determinado momento, observar a questão cuja abordagem privilegiada se diria de comunicação social. Como vimos, é a sociedade de massa que cria as condições de aparecimento do fenômeno aqui estudado, assim como é a Revolução Industrial aquela que inaugura o formato de comunicação, origem de novo campo de estudos de comunicação de massa, mais conhecidos hoje como estudos de mídia, em que a questão da técnica desempenha, a nosso ver, papel decisivo. É ela que especifica o campo em questão, dado que a singularidade epistêmica em torno do conceito de mídia não pode prescindir de seu crivo fundamental. Da mesma forma, é também a presença da técnica nas práticas comunicacionais o que daria origem à tradição que vem pensando a comunicação a partir de uma abordagem efetivamente instrumental. Nesse sentido, a incursão histórica na questão se torna decisiva. Nosso objetivo não se restringiu apenas à fundamentação da proposição, demonstrando a pertinência e envergadura do problema, mas, visou, sobretudo, construir a viabilidade de

um retorno propositivo a nossa atualidade, segundo as ressonâncias apontadas pelo recurso genealógico no debate acerca da constituição de uma episteme comunicacional. Ocasão em que finalmente nos deparamos com o fenômeno da *mediatização social*.

Nossa adjetivação, portanto, do fenômeno passa, assim como a conclusão em torno do imperativo do objeto, por aqueles dois autores, Vattimo e Sodr, apresentados no capítulo anterior. Em ambas as leituras encontra-se, a nosso ver, o aspecto que, uma vez desenvolvido e pesquisado, poderia vir a contribuir para o que se vem chamando do encontro da especificidade comunicacional. Falamos do advento do *valor-afeto*⁷¹⁵ como principal característica de uma ambincia histrica dita comunicacional. Tanto na ideia de *fetichizao do real histrico* como na proposio de uma contemporaneidade marcada pela *fabulao de mundo*, experincia de verdade como sendo de ordem esttica, vigora o problema fundamental do afeto como grande acontecimento de nossa contemporaneidade. Nesse caso, se, como afirma Foucault, a modernidade teve como grande signo o problema da Revoluo e da procura da garantia do Progresso para toda a humanidade, nossa contempora-

715 O termo *valor-afeto* apresentado por Muniz Sodr em ocasio recente em que o autor se pergunta pela “fora primordial do sensvel” no apenas na constituio de “formas emergentes de sociabilidade”, mas tambm como acontecimento que remete necessidade de “outra atitude epistemolgica ou interpretativa para a anlise que pretendemos chamar de *comunicacional*”. SODR, 2004: 16.

neidade teria na questão da *afecção*, do *afeto* (*aisthesis*)⁷¹⁶ sua marca fundamental.

Tal característica tem nos meios de comunicação uma espécie de efeito-instrumento. Se, por um lado, são eles verdadeiros porta-vozes do acontecimento que remete a causas mais profundas, por exemplo, ao próprio movimento da história que, segundo Vattimo, coloca como diferencial de nossa época dita pós-moderna o problema da liberdade como anterior ao da verdade, por outro, são eles os grandes produtores do episódio em questão. Embora racionalizada segundo os pressupostos da mercadoria e do consumo, os suportes comunicacionais teriam na premissa estética sua grande especificidade. Nos referimos à construção de um modo de se apresentar, de pedir atenção, de dialogar, enfim, legitimar-se e legitimar vínculos sociais que passam por registros estéticos os quais têm no afeto sua grande envergadura. Evidentemente, dada sua exploração como mercadoria — portanto, uma emoção administrada —, o que tem acontecido é que se têm produzido sentimentos, na maioria das vezes, impregnados de sensorialismos e esvaziados de afeto. Na realidade, o que se tem hoje é uma administração interessada (e profissional) da experiência do afeto, por meio de uma cultura do sensitivo/sensorial que, ancorada em preceitos comportamentalistas, oferece suprapoderes aos modelos cognitivos segundo os quais tudo começa e termina na mente, de onde se destaca o atual axioma do corpo em nossa atualidade. Nesse

716 Expressão apresentada por Muniz Sodré (2006: 17).

caso, sua recente reconfiguração figura no plano de uma abstrata e asséptica imanência, posto que justificado pelo modo eficiente de avançar em torno dos ideais de controle e exatidão das tecnologias do virtual.

De todo modo, ainda assim, como afirma Sodré, pode-se perguntar “sobre a possibilidade de existência de uma potência emancipatória na dimensão do sensível, do afetivo ou da desmedida, para além, portanto, dos cânones limitativos da razão instrumental”.⁷¹⁷ Isso porque a questão remete diretamente à atual conformação comunicacional. Se devêssemos nomear o elemento que caracteriza fundamentalmente os meios de comunicação hoje, certamente poderíamos nos remeter à afetividade como pedra de toque dos engenhos midiáticos. O acontecimento ganha maior visibilidade quando os desdobramentos da técnica assumem, em nossa atualidade, outra contingência, sobretudo no formato tecnologia, cuja transformação retira a comunicação da abordagem instrumental, colocando-a como ambiência histórica. Falamos da instauração de uma atmosfera estética oriunda dos diversos *sensorialismos* midiáticos, que se consolidam efetivamente como novas ferramentas intelectivas.

Nesse caso, não nos referimos tanto aos suportes, mas a uma reinvenção de inteligibilidade promovida pela intensa simbiose entre as práticas institucionais e as mídias, cujo resultado pode ser compreendido segundo o aparecimento

717 Idem.

do *bios* virtual.⁷¹⁸ Seria, portanto, a condição de atmosfera sensorial aquela que não apenas melhor caracteriza o fenômeno da comunicação em nossos dias, como também aquela que acaba por colocar definitivamente o *valor-afeto* como problemática específica do paradigma disciplinar comunicacional. Desdobramento direto do advento tecnológico, a questão diz respeito ao modo como se dá, na comunicação, o retorno do problema da *aparência* (da tradução do visível), também entendida como retorno do *nada*, do *mal*, do *sensível*, do *mutável*, do *falso*, do *animal*, do *contingente*, do *múltiplo*,⁷¹⁹ enfim, de todas aquelas instâncias que representavam possíveis reversos da opção feita na Grécia clássica, quando da instauração do *comparativo ontológico* como origem do empenho de “igualar a realidade à luminosidade, [...] identificar realização com iluminação, [...] colar o real à luz”.⁷²⁰ Essa, portanto, a particularidade que envolve as novas tecnologias comunicacionais. Estandartes de nossa época, elas se constituiriam agentes da passagem da técnica à condição de *imagem de mundo*. Esse o paradoxo contido na conformação atual da técnica. Ao instaurar o paradigma da visibilidade, muito especialmente através do ideal de transparência, como novo valor social, ela também faz retornar o problema da *aparência*. Na vigência da era virtual, se, por um lado, corremos o risco de permanecer restritos a imagens de mundo cujos princípios de inteligibilidade já não fazem

718 SODRÉ, 2002: 25.

719 CARNEIRO LEÃO, 2002: 79.

720 CARNEIRO LEÃO, 2000: 148.

referência a um real externo, por outro, a radicalidade do crivo tecnológico também aponta para a diluição do *comparativo ontológico*, responsável por colocar, por exemplo, a *aparência* no lugar do engano, do passageiro, da suspeita. A extinção de tal comparativo mistura novamente instâncias cujas dicotomias se mantiveram separadas durante longo período histórico. Nesse caso, a centralidade da imagem (do visível), como já dito, não prefigura representação, mas a própria possibilidade do retorno da questão da natureza, ainda que não exatamente na figura de uma *physis* (objeto) a ser dominada segundo os pressupostos da lógica, como na modernidade.

Natureza aparece aí como um daqueles elementos que ficaram de “fora” na construção dos muros da razão, cujo retorno se dá particularmente na figura de Dioniso, representante das forças que configuram a paixão erótica, o *pathos*, que não pertence a um homem, mas está presente em todos eles. É do retorno da força que ficou ausente quando da instauração da lógica como modalidade universalizante de uma razão ocidental que estamos tratando. Falamos, pois, a respeito do retorno de Dioniso, entendido como força bruta e espiritual da natureza, do homem em seu estado animal, rudimentar, de simbiose com o próprio universo. Em vez de delimitação, calma e serenidade, Dioniso traria êxtase, extravagância, enfeitiçamento e frenesi, sentimentos que, entretanto, viriam juntos com crueldade, força grotesca. A questão, portanto, seria como lidar com tal retorno. Isso porque, diante da necessidade de dominar essa força, a ciência e a religião, em nome de

uma razão autônoma, acabaram por separá-la totalmente do homem. Esse é o gesto de fundação do saber ocidental que acabou por colocar as representações dionisiacas como da ordem da suspeita, do vergonhoso, do ameaçador. Nesse sentido, separou o homem de sua mais poderosa força: a própria natureza. Vattimo trata da possibilidade de compreender tal retorno, de recuperar ou, melhor, acolher, fazer essas forças chegarem às forças apolíneas nas representações da consciência – mas não as censurando ou interditando; antes dando-lhes fluxo, ou seja, fazendo-as *comunicarem*. Aqui, portanto, o ôntico comunicacional. Seja entre dia e noite, entre mutável e imutável, essência e aparência, Dioniso e Apolo, o problema remete ao interstício das diferenças como espaço-natureza do *comunicacional*. Aí residiria, se quisermos, o desafio de uma ontologia comunicacional. Trata-se de compreender a comunicação como *espaço* dos contrários. Nessa perspectiva, havendo comunicação, haveria acontecimento, por isso a importância das forças apolíneas: por seu intermédio foi possível viver a experiência da embriaguez sem perder a lucidez. Segundo Vattimo, os gregos a teriam criado como possibilidade de viver as forças da natureza, destruidora e brutal, que Dioniso teria evocado; algo, no entanto, que não as tentasse destruir, mas que apenas eliminasse seu caráter de puro veneno, que, de fato, aniquilaria a vida. Foi Apolo, deus do sonho e da beleza, quem teria redimido o mundo helênico atraindo as forças dionisiacas para o mundo da bela aparência: transformando as forças dionisiacas – irracionais, bárbaras e destruidoras – em comunicação, ou seja,

fazendo-as chegarem à civilização grega. Nessa direção ocorre a celebração da ilusão da aparência, por meio da qual o povo grego consegue salvar-se do peso da irracionalidade, bem como das forças aniquiladoras da natureza trazidas por Dioniso. Essa seria, portanto, a experiência do comunicacional. Podemos compará-la à *metafísica de artista*,⁷²¹ experiência que busca, na vivência *simultânea*, a comunicação das duas instâncias: ilusão e verdade, essência e aparência, vida e morte, alegria e sofrimento, dor e prazer. Essa experiência de *simultaneidade*, fundamentalmente estética (trágica), representa o acolhimento da afetividade (estado de natureza) como elemento da produção de verdade.

Segundo Vattimo, essa experiência estética da verdade seria, portanto, um dos marcos fundamentais da passagem a nossa condição pós-moderna. Caracterizada pelo desaparecimento do *comparativo ontológico* responsável por estabelecer as dicotomias em que estávamos acostumados a nos situar, por exemplo, a distinção entre ficção e realidade, nossa época mistura um conjunto de categorias de inteligibilidade, solicitando novas interpretações do visível a partir, sobretudo, de amálgama ensaístico, de onde, então, provém a centralidade da perspectiva comunicacional. De todo modo, em nosso caso, os esforços situam-se na tentativa de pensar de que maneira tal conformação histórica, que tem na afetividade e nos meios de comunicação uma relação de produto e produtor, engendra importantes ressonâncias

721 MACHADO, 2002: 29.

junto aos chamados vínculos sociais. Muito especialmente a pergunta remete aos resultados que daí provêm e que podem ser remetidos diretamente ao processo que se vem chamando hoje de mediação social: processo social que procura ocupar-se da crescente interação entre os processos sociais e o desenvolvimento tecnológico. Nesse caso, a pergunta sobre o *valor-afeto* deriva diretamente da experiência mais ampla denominada sociedade mediada.